



ISSN: 2176-5960

Προμηθεύς

Journal of Philosophy

n. 41, Janeiro-Abril 23



MUSÔNIO RUFO E A *PARRHESIA*:

A CORAGEM SEM A IRA

MUSONIUS RUFUS AND THE PARRHESIA:

THE COURAGE WITHOUT THE ANGER

Aldo Dinucci (UFS/ GT EPICTETO)

RESUMO: No presente artigo falo sobre a concepção do sábio estoico como simultaneamente corajoso e desprovido de ira. Para tal irei perfazer o seguinte percurso: falarei sobre estoicismo, individualidade e multiculturalismo; sobre porque os estoicos buscam compreender e não Julgar; sobre as crenças arraigadas; sobre a coragem ao invés da Ira no ideal do sábio estoico; sobre o caráter sempre imperfeito da humanidade. Após isso, exemplificaremos o que foi dito com o exemplo de Musônio Rufo ao tentar deter, pacificamente, as tropas de Marco Antônio Primo que estavam prestes a invadir Roma no final do ano de 169.

PALAVRAS-CHAVE: Musônio Rufo; Estoicismo; Coragem; Ira; Filosofia; Epicteto, Diatribes, Manual de Epicteto; Tácito, Histórias; Darcy Ribeiro; Resistência Pacífica; Pacifismo; Sêneca, Sobre a Ira.

ABSTRACT: In this paper, I talk about the conception of the Stoic sage as simultaneously courageous and devoid of anger. To do so, I will follow the path below: I will talk about stoicism, individuality and multiculturalism; about why Stoics seek to understand and not judge; about ingrained beliefs; on courage rather than rage in the ideal of the Stoic sage; about the always imperfect character of humanity. After that, I will exemplify what was said with the example of Musonius Rufus when trying to peacefully stop the troops of Mark Antony Primus who were about to invade Rome at the end of the year 169.

KEYWORDS: Musonius Rufus; Stoicism; courage; will; philosophy; Epictetus, Diatribes, Handbook of Epictetus; Tacitus, Histories; Darcy Ribeiro; peaceful resistance; pacifism; Seneca, On Anger.

Estoicismo, Individualidade e Multiculturalismo

Os estoicos, na Antiguidade Clássica e nos Períodos Helenístico e Romano, atuaram discretamente em termos morais. Não os vemos conclamando a multidão a converter-se ao Estoicismo.

Um dos fundamentos desta postura é que os estoicos, herdeiros do pensamento socrático, consideram que o progresso através da filosofia deve ser buscado espontaneamente. Eles faziam sim propaganda de seus ensinamentos (através de textos de divulgação e palestras), mas os ensinavam apenas para aqueles que por sua própria vontade os buscavam.

Os zenonianos (Zenão de Cítio e seus amigos), em Atenas, reuniam-se em público no Pórtico Pintado, bem ao lado da ágora ateniense. Qualquer um podia se juntar a eles e participar das conversas.

Como Epicteto deixa claro isso no primeiro capítulo do *Manual*¹. O exercício filosófico deve se realizar de forma não-constrangida. O praticante do estoicismo só deve fazer algo e só deve deixar de fazer algo quando souber por qual razão fazê-lo ou não o fazer. O processo de desenvolvimento moral supõe um indivíduo livre que se dispõe a realizá-lo voluntariamente. O adestramento, que não leva em conta o esclarecimento, está fora desse processo, visto que fazer algo não se sabendo por quê, mas apenas porque alguém assim o determina de modo constrangedor, não pode ser uma ação própria de um ser humano livre.

Os estoicos viveram em sociedades cosmopolitas, que abrigavam gentes das mais variadas religiões e culturas, como judeus, egípcios, gregos, fenícios, romanos, entre outros, que viviam conjuntamente, embora mantendo seus próprios costumes e religiões. Epicteto, mais uma vez, tem isso em mente ao dizer, no capítulo 31, que "convém a todos fazer libações, oferecer sacrifícios e primícias segundo o costume ancestral". De acordo com o costume ancestral significa de acordo com os costumes dos ancestrais de cada um, quer dizer, de sua nação, de sua cultura e de sua raça.

Os estoicos, assim, reconhecem a pluralidade irreduzível dos costumes e das religiões, sem, contudo, se reduzirem ao relativismo. Eles compreendem que diferentes costumes advêm em diferentes partes do mundo, mas que, ao mesmo tempo, a justiça e a equidade são anseios comuns a todos os humanos, o que, aliás, torna possível a vida comum entre eles apesar das diferenças de costumes e religiões.

¹ "Faz uso unicamente do impulso e do contraimpulso, sem que, contudo, te excedas, com reserva e sem constrangimento."

Estatuta Moral

Outra razão pela qual os estoicos jamais se propuseram a ser reformadores morais, juízes dos humanos e paladinos da moralidade² é que compreendem, como poucos tanto antes quanto depois deles, que a posse de conhecimento filosófico não resulta automaticamente em estatuta moral para reformar ou julgar moralmente outros seres humanos. Eles entendem que poucos humanos alcançam de fato tal estatuta moral e veem Sócrates como um destes assim chamados *sábios*.

Estatuta moral significa aqui a qualidade de alguém que se guia pela razão e pelos melhores sentimentos humanos, a qualidade de alguém que raramente erra, que não é arrastado por vícios e que se destaca por suas atitudes intrépidas em defesa do que há de melhor na humanidade. Para os estoicos, quem não tem essa estatuta moral não tem qualquer autoridade para recriminar os demais. E, curiosamente, mesmo estes que reconhecidamente a possuem são muito cautelosos para usar essa prerrogativa. Sócrates, por exemplo, a recusava solenemente, limitando-se a mostrar que os que criam possuir sabedoria tanto enganavam quanto se enganavam.

Filosofia de Vida

Os estoicos buscavam, ao invés de reformar moralmente os demais através de discursos moralistas, dar vida aos princípios que estudavam, como deixa claro Epicteto no capítulo 46 de seu *Manual*:

Jamais declares ser filósofo nem fales frequentemente com os que ignoram a Filosofia sobre os princípios teóricos, mas faz as coisas que decorrem dos princípios teóricos. Da mesma forma, no banquete, não digas como é preciso comer, mas come como é preciso. Pois lembra como Sócrates evitava de tal modo exhibir-se que os que buscavam os filósofos iam ter com ele, e ele os levava aos filósofos, e assim tolerava ser desdenhado. E se ocorrer entre homens comuns uma discussão sobre princípios teóricos, guarda silêncio na maior parte do tempo. Pois é grande o perigo de vomitares o que ainda não digeriste. E quando alguém te disser que nada sabes, e não te ofenderes, sabe, nesse momento, que começaste a obra. Já que também os carneiros não levam o que pastaram aos pastores, mostrando o quanto comeram, mas, digerindo o que pastaram em seu interior, trazem ao exterior a lã e o leite, também tu, conseqüentemente, não exibas os princípios teóricos aos homens comuns, mas, quando digeri-los, as ações que decorrem deles. (Epicteto. O Manual de Epicteto. Trad. Aldo Dinucci. São Cristóvão: EdiUFS, 2007).

² "Um paladino é um herói cavaleiresco, errante e destemido, de caráter inquestionável, que segue sempre o caminho da verdade, da lei e da ordem, sempre disposto a proteger os fracos e lutar por causas justas. A palavra Paladino vem do latim palatinus (relativo a palácio) que, por sua vez, deriva do Palatino, uma das sete colinas de Roma". (Wikipedia)

Os estoicos querem ser encarnações vivas de sua filosofia, destacando-se pelo exemplo diante dos demais e não pelo palavrório. Sua ação da sociedade consiste em desempenhar bem os papéis que lhes são atribuídos. Se você for pai, seja um bom pai. Se você for mãe, seja uma boa mãe. Além disso, bom cidadão, cidadã, irmão, irmã, amigo, amiga etc. Em cada caso, bem significa realizar a função segundo a sua definição. Mais uma vez Epicteto ilustra o que estou dizendo, no capítulo 30 do *Manual*:

As ações apropriadas são em geral medidas pelas relações. É teu pai? Está prescrito obedecê-lo em todas as coisas, suportá-lo quando ele te insulta, quando ele te bate. “Mas é um mau pai”. Não és posto pela Natureza em relação a um bom pai, mas em relação a um pai. “Meu irmão é injusto comigo”. Observa, portanto, teu próprio papel em relação a ele: não consideres o que ele faz, mas o que te é dado fazer, para que a tua vontade esteja de acordo com a natureza. Pois, se não quiseres, outro não te causará dano. Mas sofrerás dano quando pensares ter sofrido dano. Então, desse modo descobrirás as ações apropriadas para com o vizinho, para com o cidadão, para com o general: se te habituares a considerar as relações. (Epicteto. O Manual de Epicteto. Trad. Aldo Dinucci. São Cristóvão: EdiUFS, 2007).

O estoico, portanto, agirá sempre comunitariamente, quer dizer, tendo em vista o bem comum, que inclui o seu próprio bem.

Outra razão pela qual os estoicos não se consagram ao reformismo moral é que, mesmo para aqueles que têm estatura moral para tal, a tarefa é difícil e de resultado incerto. A maioria não os ouve nem se interessará jamais em ouvi-los. Seu reconhecimento é lento. E as resistências que se levantam diante deles são enormes. Se é assim para as grandes almas, que têm tal prerrogativa, imaginem para nós, míseros mortais.

A atualidade é um grande exemplo desta verdade. Vivemos a era dos reformadores morais sem estatura moral, pessoas comuns que se dedicam intensamente à inglória tarefa de tentar determinar, pelo constrangimento, a linguagem e o pensamento alheio. Ora, uma coisa é você decidir ser de uma religião ou de um partido e ir nos templos ou nas reuniões partidárias espontaneamente para ouvir um sacerdote ou um político. Outra muito diferente é navegar na internet ou ligar a televisão e começar a ouvir discursos moralistas não solicitados. Acrescente-se que a adesão a esses discursos não é proposta por meio da persuasão amável, mas pela pura e simples ameaça. Como é óbvio, o resultado desses esforços resulta não em conversões sinceras, mas em grande aborrecimento para todo mundo. Se você quer convencer alguém de algo, o primeiro passo é não o ofender. Essa verdade simples escapa a quase todos nos nossos hodiernos reformadores morais, que por aí demonstram sua insignificância.

Os Estoicos buscam Compreender e não Julgar

Os estoicos enfatizam que não podemos julgar moralmente as pessoas sem saber por qual razão elas agem ou pensam desta ou daquela maneira. Epicteto de novo nos esclarece quanto a isso no capítulo 45 do *Manual*:

Alguém se banha de modo apressado: não digas que ele se banha de modo ruim, mas de modo apressado. Alguém bebe muito vinho: não digas que ele bebe de modo ruim, mas muito. Pois, antes que compreendas a opinião [dele], por que pensas que ele o faz de modo ruim? (Epicteto. O Manual de Epicteto. Trad. Aldo Dinucci. São Cristóvão: EdiUFS, 2007).

Só podemos julgar moralmente uma pessoa se compreendemos as premissas que a levam a agir ou a pensar desta ou daquela maneira. Para tal, temos que conhecer suas crenças, as particularidades de sua criação, seu contexto cultural, sua época etc. Os estoicos, portanto, evitam emitir juízos de valor sobre outros humanos, mas buscam compreender as razões que os levaram a ser como são e a agir como agem. Assim, ao invés de julgar moralmente, buscam compreender de modo benevolente a humanidade.

Crenças Arraigadas

Por fim, a derradeira razão pela qual não se consagram ao reformismo moral é a total inutilidade disso. O estoico Possidônio observa que é difícil abandonar um assentimento, quer dizer, deixar de crer em algo em que uma vez depositamos nossa crença. A razão disso é que nossas crenças estão ligadas umas às outras, formando um encadeamento, e abandonar uma crença arraigada significará colocar outras tantas em questão, o que não é tarefa fácil, sendo, na verdade, a obra filosófica socrática por excelência: realizar o escrutínio de todas as nossas crenças.

Criticar uma crença arraigada causa imediata reação de resistência, tal como o próprio Sócrates reconheceu ter sido uma das consequências de sua atividade filosófica pelas ruas de Atenas. Na melhor das hipóteses, o reformador moral terá um assentimento falso de um interlocutor que apenas quer se livrar de uma situação constrangedora e desagradável. Em todos os casos, a ameaça dificilmente chegará a resultado positivo. O pensamento é a sede da liberdade humana, e o melhor modo de abordá-lo é pela persuasão amável, melhor mas não necessariamente eficiente, diga-se de passagem. Como brilhantemente resume a questão Marco Aurélio:

Como são mesquinhos esses pigmeus enfronhados na política e a julgarem-se grandes filósofos! ... Que dizes tu, meu homem? Faz o que te pede a natureza... Não estejas à espera de realizar a República de Platão, basta-te progredir um pouquinho; e não

julgues que é pouco esse pequeno resultado. Fazer que os homens mudem de princípios, quem o poderá? E se não mudam, que outra coisa é sua vida senão servidão de pessoas que vão gemendo e a darem-se ares de muito obedientes... Simples e modesto é o proceder do filósofo. (Marco Aurélio, 9.29, tradução portuguesa de João Maia (RTP, Lisboa, 1971)³

A Coragem ao invés da Ira

Portanto, um estoico não ficará por aí importunando quem quer que seja com sua filosofia, buscando convencimento e aceitação, mas cumprirá bem os papéis que lhe foram atribuídos. Entretanto, se for político, será seu papel propor leis equitativas e justas, buscando implementar na medida do possível o bem comum, sem, entretanto, se iludir com utopias. Os estoicos sabem que um mundo perfeito requer humanos perfeitos, como a República de Zenão, na qual todos são igualmente sábios e livres. Mas sabem também que o mundo humano é o mundo das imperfeições e das paixões e que o sábio estoico perfeito é só um ideal. E que mesmo os que mereceram receber o epíteto *sábio* reconhecem estar aquém do ideal por perceberem em si o movimento das paixões, que é a seara comum de todos os humanos.

Assim, ao invés da ira, alguns estoicos demonstraram incrível coragem para enfrentar situações políticas adversas para, cumprindo o seu papel, lutarem pelo bem comum. Um exemplo é a atitude do senador romano Helvídio Prisco⁴ perante o Imperador Vespasiano⁵. Agripino foi um dos membros da Oposição Estoica, ou Oposição Filosófica, movimento que se notabilizou por combater pacificamente as pretensões tirânicas de certos imperadores romanos em defesa da *libertas*, uma instituição romana que conferia direito de fala a algumas classes, como a dos senadores e dos dramaturgos, conferindo-lhes a palavra para que se expressassem politicamente quanto a temas pertinentes ao Estado.

Os membros da Oposição estoica eram ou senadores ou filósofos relacionados a estes senadores. Aqui, a regra de cumprir o papel que lhe cabe passa a ter um sentido evidentemente político, pois um senador, para bem cumprir seu papel, deve se esmerar em ser um bom parlamentar, o que

³ O professor Donato Ferrara foi o primeiro a me chamar a atenção sobre esta passagem, a quem agradeço.

⁴ Helvídio Prisco foi um filósofo estoico que viveu sob Nero, Galba, Otão, Vitélio e Vespasiano. Sob Nero foi questor da Acaia e tribuno da plebe (56). Restaurou a ordem e a paz na Armênia. Foi banido em 66 por sua simpatia por Bruto e Cássio. Galba o trouxe do exílio em 68, mas foi novamente banido e, a seguir, executado por Vespasiano.

⁵ Os imperadores Flavianos governaram Roma entre 69 e 96. São eles: Vespasiano (69–79) e seus filhos Tito (79–81) e Domiciano (81–96). Após Galba e Otão, Vitélio tornou-se imperador, em 69. Entretanto, algumas legiões declararam Vespasiano imperador. Vitoriosas na segunda batalha de Bedríaco, as forças flavianas entraram em Roma em 20 de dezembro do mesmo ano, e Vespasiano foi legitimado como imperador pelo Senado no dia seguinte.

inclui participar ativamente dos debates, comparecer às sessões, discutir e votar as leis, visando sempre o melhor para a comunidade. Neste sentido, podemos entender o seguinte diálogo entre Vespasiano e Helvídio Prisco, tal como Epicteto nos informa em *Diatribes* 1.2:

Também Helvídio Prisco percebeu essas coisas e, após considerá-las, agiu. Quando Vespasiano enviou-lhe um pedido para que não comparecesse ao Senado, Prisco respondeu: “Depende de ti não me permitir ser senador. Mas enquanto eu o for, devo comparecer”.

–Vai – disse Vespasiano – porém, ao comparecer, fica em silêncio.

– Não me interrogues e ficarei em silêncio.

– Mas devo interrogar-te.

– E devo dizer o que se me afigura justo.

– Se falares, te condenarei à morte.

– Quando eu te disse que sou imortal? Tu farás o que é teu, e eu farei o que é meu.

É teu condenar-me à morte. É meu morrer sem tremer. É teu condenar-me ao exílio.

É meu retirar-me sem me afligir. (Epicteto, *Diatribes* Livro I. Trad. Aldo Dinucci.

Coimbra: Imprensa de Coimbra, 2019.)

Helvídio, como estoico, informa ao imperador que, em todas as situações, agirá segundo o seu papel (*kata prosopon*), independentemente de ameaças externas e coisas semelhantes. Seu papel é ir ao senado e falar quando indagado, e ele cumprirá tal papel mesmo se isso significar a morte.

E por que não a ira seria adequada em um caso deste? Vespasiano está ameaçando Helvídio Prisco de morte, não seria adequado a ele se indignar e se irar diante de Vespasiano? Ora, para os estoicos, este seria o pior dos cenários possíveis. A ira, para eles, é uma paixão ruim, uma subespécie do apetite irracional.

A Ira para os Estoicos

Sêneca, em seu diálogo *Da Ira*⁶, afirma ser esta a mais terrível e violenta das paixões, uma breve loucura que não respeita o que quer que seja em termos morais e afetivos (*Da Ira* 1.1-2), pelo que se destaca como a mais proeminente dentre todas (*Da Ira* 1.6-7), vencendo, dominando e despertando todas as demais (*Da Ira* 2.4-6)⁷.

⁶ Em latim: *De Ira ad Novatum*.

⁷ Lactâncio (*Sobre a Ira de Deus*, 17.13) preservou outra definição de Sêneca sobre ira: o desejo de vingar uma injúria que, quando deixado prosseguir seu curso, ultrapassa toda medida. A ira assim é paixão paradigmática, pelo que é muito discutida pelos estoicos, que mencionam, por exemplo, a ira de Medéia, que a levou a matar seus próprios filhos, e a ira de Menelau, que, por ter perdido Helena para Páris, iniciou uma terrível guerra contra Tróia. Leia, quanto a isso, a tragédia *Medéia*, de Sêneca.

Além disso, o assentimento à ira nos impede de seguir a nossa própria natureza, tornando-nos antissociais e brutais. Nossa natureza, como enfatiza Sêneca, em total consonância com o estoicismo como um todo, é social, pois somos feitos para nos ajudarmos uns aos outros e não para nos destruirmos. De fato, observa Sêneca, temos impulsos naturais para ajudar estranhos, às vezes pondo em risco nossas próprias vidas, enquanto a ira muitas vezes nos incita a ferir mesmo aqueles a quem mais amamos (*Da Ira* 1.5.2-3).

O caráter sempre imperfeito da humanidade.

Não há ninguém perfeito no mundo, muito pelo contrário. Todos nós erramos o tempo todo (*Da ira*, 2.30). Como não somos invulneráveis, muitas pedras serão lançadas em nossa direção, e algumas nos atingirão. Sêneca nos diz, em *Da Ira* 2.7⁸, que devemos sair de casa já esperando encontrar indivíduos mergulhados em vícios: Avarentos, perdulários, devassos, como lembra Sêneca; indiscretos, ingratos, insolentes, patifes, invejosos, egoístas, como acrescenta Marco Aurélio⁹. Isso é o esperado, pois o mundo está cheio de indivíduos imperfeitos e não de sábios ou santos. Então, estejamos preparados para o que quer que venha a acontecer.

Todos nós estamos repletos de vícios. Como ilustra Sêneca, no Campo de Marte¹⁰ lotado há tanto vícios quanto humanos (*Da ira*, 2.8-9), os quais, diferentemente dos demais animais que, em geral, são amistosos com os que os alimentam, estão prontos para causarem dano ao que os nutrem.

Tal estado de coisas se deve à ignorância na qual vive mergulhada a humanidade. Os humanos cometem uns contra os outros todos os crimes possíveis: conspirações, traições, roubos, sequestros, estupros, fraudes, assassinatos... A lista é infinita. É preciso que não sejamos tomados pela ira diante destes fatos, mas devemos nos esforçar para, de modo benevolente, tentar compreender o que nos leva a realizar tais atos de modo a extirpar as raízes de tais ações injustas e, assim, contribuir para um mundo humano menos iníquo.

O sábio considera com olhos benevolentes a humanidade, não emitindo juízos ferozes e iracundos, mas tentando afastar a ignorância que propicia este estado de coisas, sem a ilusão, porém, de que será capaz de dissipá-la por completo. Se não agisse assim, o sábio seria o humano mais infeliz

⁸ Em passagem que Marco aparentemente parafraseou em suas *Meditações* 2.1. Ver também *De Ira*, 10.7-8.

⁹ Marco Aurélio, *Meditações*, 2.1.

¹⁰ Área histórica da Roma antiga com cerca de 2 km².

de todos, porque não pararia jamais de se irar diante dos deslizes e crimes da humanidade (*De Ira*, 2.9-10).

Como brilhantemente sintetiza Sêneca, o sábio não sente ira em relação aos que erram, porque sabe que ninguém é sábio por nascença, que todos nós estamos mergulhados na ignorância e que contam-se nos dedos os que se tornaram sábios ao longo dos séculos. O sábio sabe que esta é a condição humana, propiciada pela própria Natureza, pelo que será justo diante dos erros, procurando benevolmente corrigir e educar todos os humanos (*Da Ira* 2.10.6).

Espelhando esse ideal de sabedoria, o estoico busca não se entregar à ira, mas agir virtuosamente. Entre as virtudes, temos *andreia*, a coragem, que, junto com *phronesis*, a prudência, e *dikaio syne*, a justiça, formam o trio indispensável para o político. Helvídio demonstrou essa coragem, agindo virtuosamente diante de Vespasiano e cumprindo seu papel.

A exemplificação da Coragem sem a Ira em Musônio

Musônio Rufo¹¹, filósofo estoico etrusco da classe equestre, outro nome associado à Oposição Estoica, nos dá outro exemplo de ação conforme a coragem e não a ira.

Marco Antonio Primo, senador e general romano, apoiou Vespasiano contra Vitélio¹² no Ano dos Quatro Imperadores (69 EC) e obteve vitória sobre as forças deste último na Segunda Batalha de Bedriaco, em 27 de outubro daquele ano, invadindo, saqueando e incendiando, passo contínuo, a cidade de Cremona. Cruzou, em seguida, os Montes Apeninos e rumou para Roma, chegando à cidade eterna no final de dezembro do mesmo ano.

No dia 20 de dezembro de 69, Musônio Rufo tentou deter, pela palavra, as tropas de Marco Antônio Primo, então prestes a invadir Roma. Neste dia, após escaramuças entre as forças flavianas e vitelinas, o Senado ordenou que uma delegação de notáveis se encontrasse com as tropas de Marco Antonio às portas da Cidade. Entre os enviados, está o filósofo estoico romano Caio Musônio Rufo.

¹¹ Caio Musônio Rufo foi um influente filósofo e professor de filosofia de Epicteto de Hierápolis, que o menciona em *Diatribes*, 1.1.27 e 1.9.29, observando que ainda era servo enquanto aluno dele. A *Suda* nos diz ser Musônio tirreno (etrusco), natural de Volsínio, filósofo dialético e estoico. Musônio foi filósofo ativo durante o reinado de Nero até o reinado de Trajano. Exilado por Nero e enviado para Giaros em 65, sua vida se estendeu de 30 a 90 ou 100, ou seja, até o reinado dos Flavianos. Chegaram-nos, em parte, suas *Diatribes*, escritas por certo Lúcio, além de fragmentos.

¹² Vitélio tornou-se imperador, em 69. Entretanto, algumas legiões declararam Vespasiano imperador. Vitoriosas na segunda batalha de Bedriaco, as forças flavianas entraram em Roma em 20 de dezembro do mesmo ano, e Vespasiano foi legitimado como imperador pelo Senado no dia seguinte.

Segundo Tácito, Musônio, ‘misturando-se com as tropas em suas companhias, começou a falar com os homens armados sobre as bênçãos da paz e os perigos da guerra. Muitos deles riram em seu rosto, outros ainda o acharam tedioso, e alguns estavam mesmo prontos para derrubá-lo e pisoteá-lo. Mas felizmente os avisos dos homens mais bem comportados e a atitude ameaçadora do resto o induziram a abandonar sua inoportuna doutrinação moral.’¹³

As tropas de Marco Antonio Primo invadiram Roma no dia seguinte. Houve encarniçada batalha que resultou na morte de cerca de 40 mil pessoas. A seguir, a cidade foi saqueada pelo exército invasor. Vitélio foi, então, capturado e, enquanto zombavam dele, o obrigaram a ver suas estátuas sendo derrubadas e desfiguradas. Prestes a ser morto, Vitélio disse: ‘Fui vosso imperador, não importa o que venhais a dizer.’ E Tácito acrescenta: ‘Vitélio, a seguir, caiu sem vida sob uma chuva de golpes. E ainda assim a multidão o insultou na morte tão cruelmente quanto o lisonjeou em vida.’¹⁴

A ação de Musônio, uma entre muitas das ações intrépidas que ele e outros homens e mulheres adeptos do estoicismo empreenderam por aqueles tempos, ilustra o que dissemos acima sobre a correlação entre coragem e ausência de ira nos estoicos. Incrivelmente, Musônio, que fora destacado para a função de negociador para a paz nesta situação particular, cumpre seu papel até o limite do possível, conclamando à paz a soldadesca sedenta de sangue. Em nenhum momento ele se irrita ou se irado. Não diz palavras odiosas. Não adjetiva ninguém. Cumpre seu papel não só de arauto da paz, mas também de professor. E um ato de extrema coragem, pois ele se colocou literalmente diante do exército agressor para pedir pela paz. O fato de não ter sido bem-sucedido pouco conta aqui. Como bem sabem os estoicos, é difícil fazer as pessoas mudarem de ideia quanto a qualquer tema que seja. Musônio fez sua parte, com coragem, e nisto segue sendo um exemplo para nós, que nos vemos, como professores, diante da difícil tarefa de tentar persuadir os humanos para o que nos parece melhor, uma batalha que se me afigura perdida diante da mídia e da cultura de massa, que pouco a pouco vão destruindo nossa cultura e nossa precária civilização. Musônio acabaria sendo novamente exilado tempos depois, tendo provavelmente morrido no exílio. Sua atuação me lembra muito a de um brasileiro que cumpriu dignamente seu papel como professor e pesquisador, Darcy Ribeiro, quando ele nos diz:

Fracassei em tudo o que tentei na vida.
Tentei alfabetizar as crianças brasileiras, não consegui.
Tentei salvar os índios, não consegui.
Tentei fazer uma universidade séria e fracassei.

¹³ Tácito, *Histórias*, 12, Marcha sobre Roma, 81.

¹⁴ Tácito, *Histórias*, 12, Marcha sobre Roma, 85.

Tentei fazer o Brasil desenvolver-se autonomamente e fracassei.
Mas os fracassos são minhas vitórias.
Eu detestaria estar no lugar de quem me venceu.

Referências

AURÉLIO, Marco. **Meditações**. Trad. João Maia. Lisboa: RTP, 1971.

EPICTETO. **Diatribes Livro I**. Coimbra: Imprensa de Coimbra, 2019.

EPICTETO. **O Manual de Epicteto**. Trad. Aldo Dinucci. São Cristóvão: EdiUFS, 2007.

SÊNECA. **Sobre a Ira**. Trad. José Eduardo S. Lohner. São Paulo: Companhia das Letras, 2021.

TÁCITO. **Histórias**. Tacitus: Histories. Trad. Clifford H. Moore. Harvard: Loeb, 1925.